



AS CULTURAS TRADICIONAIS DO NORTE DO ESPÍRITO SANTO NA OBRA DO FOLCLORISTA HERMÓGENES LIMA FONSECA

NORTHERN ESPÍRITO SANTO TRADITIONAL CULTURES IN THE WORK OF THE FOLKLORIST HERMÓGENES LIMA FONSECA

Bartolomeu Boeno de Freitas¹

RESUMO

Hermógenes Lima Fonseca (1916-1996) foi um intelectual que dedicou boa parte da sua vida como um “missionário” à pesquisa, registro e divulgação das culturas tradicionais com um foco especial nas culturas de comunidades afro-descendentes de Conceição da Barra e São Mateus, no norte do Espírito Santo. A intenção deste estudo é discorrer sobre a relevância da pesquisa em curso, que tem a obra literária do Hermógenes Fonseca folclorista, em sua relação com as culturas tradicionais, como tema de investigação. Pretende-se ao final da pesquisa colaborar com a preservação da obra do folclorista, das culturas tradicionais e para a história do patrimônio cultural do Espírito Santo.

PALAVRAS-CHAVE

Hermógenes Lima Fonseca; Culturas tradicionais; Patrimônio cultural; Cultura popular; Ticumbi.

ABSTRACT

Hermógenes Lima Fonseca (1916-1996) was an intellectual who devoted much of his life as a “missionary” to researching, recording and disseminating traditional cultures, with special focus on the cultures of Afro-descendent communities of Conceição da Barra and São Mateus, in the north of Espírito Santo’s state. The purpose of this article is to discuss the relevance of the following research, which has the literary work of the folklorist Hermógenes Fonseca, in its relationship with traditional cultures, as an investigation theme. This research’s aim is to collaborate with the preservation of the work of the folklorist, of the traditional cultures and the history of the cultural heritage of Espírito Santo.

KEYWORDS

Hermógenes Lima Fonseca; Traditional cultures; Cultural heritage; Popular culture; Ticumbi.

INTRODUÇÃO

“As culturas tradicionais do norte do Espírito Santo na obra do escritor e folclorista capixaba Hermógenes Lima Fonseca” é o tema deste estudo. Trata-se de pesquisa bibliográfica dos

¹ Bartolomeu Boeno de Freitas é mestrando em Artes/Ufes, com especializações em Ensino e Interdisciplinaridade – História e Literatura – Ufes/2013 e em Gestão Estratégica de Comunicação e Marketing – Ucam /2012. Jornalista desde 1980 e há 11 anos é editor da Revista SIM. Como escritor, é autor de uma dezena de livros, entre os quais, as biografias Hermógenes Lima Fonseca (2014) e André Carloni (2015); Vitória (2018) e Espírito Santo (2019). Contato: bartolomeufreitas@hotmail.com.



escritos do autor - registrados em diversas publicações, principalmente, em seus 13 livros editados nas décadas de 1980 e 1990 -, apresentando a trajetória de vida de Hermógenes Fonseca e sua produção literária, enquanto folclorista, nas relações com a cultura popular junto aos grupos de culturas tradicionais.

A pesquisa foi motivada pela constatação de que a obra deste folclorista, em seu conjunto, encontra-se dispersa e na iminência de desaparecer, tornando-se cada vez mais rara e inacessível ao público. O autor do presente artigo deparou-se com tal problema durante o processo de pesquisa e escrita da primeira biografia de Hermógenes Fonseca, publicada em 2014. Espera-se que este trabalho possa contribuir para a preservação da história do patrimônio cultural do Espírito Santo a partir da coleta de registros dessas culturas, incluindo a arte popular, presentes nas manifestações das comunidades tradicionais capixabas.

Como as obras foram publicadas entre os anos de 1980 e 1990 em pequenas tiragens, ao longo desses mais de 30 anos, os livros se dispersaram, restando nas principais bibliotecas do Estado do Espírito Santo um ou outro volume. Será necessário, portanto, recorrer a uma busca, inclusive a acervos de família para reunir o conjunto da obra.

Para o enriquecimento do estudo, serão colhidos relatos da oralidade em entrevistas junto a representantes de grupos ativos em práticas culturais populares, bem como junto a pessoas que conviveram com o folclorista Hermógenes Fonseca.

POR QUE PESQUISAR A OBRA DE HERMÓGENES FONSECA?

O objetivo geral do estudo é localizar a obra literária de Hermógenes Lima Fonseca e proceder à uma releitura a fim de identificar a relação de seus escritos com as culturas de grupos de comunidades tradicionais de Conceição da Barra e São Mateus, no norte do Espírito Santo.

Especificamente, nesta pesquisa pretende-se reunir os escritos deste autor, identificar a localização dos livros e outros textos, fazer uma releitura das obras para abstrair daí elementos da cultura tradicional nelas registrados. Pretende-se também discorrer sobre a personalidade do autor e relacionar sua obra literária ao aspecto de dedicação 'missionária' para registro da cultura popular no Espírito Santo, condição tal assumida pelo folclorista



Hermógenes Lima Fonseca, na forma como descreve Luiz Rodolfo Vilhena (1997) no livro 'Projeto e missão: o movimento folclórico brasileiro 1947-1964'. Busca-se, por fim, descrever elementos das culturas tradicionais do norte do Espírito Santo presentes na obra literária do autor com a perspectiva de contributo da obra, aqui caracterizada como patrimônio cultural imaterial, para a preservação da própria obra e da memória de comunidades tradicionais do norte do Espírito Santo. Objeto deste estudo, a cultura tradicional, é antes um elemento da cultura assim definida por Peter Burke:

Cultura é uma palavra imprecisa, com muitas definições concorrentes: a minha definição é a de “um sistema de significados, atitudes e valores partilhados e as formas simbólicas (apresentações, objetos artesanais) em que eles são expressos ou encarnados. Quanto à cultura popular, talvez seja melhor de início defini-la negativamente como uma cultura não oficial, a cultura da não elite, das “classes subalternas”, como chamou-as Gramsci (Burke, 1990, p. 22).

A cultura popular, segundo o Dicionário Aurélio, na versão online, é também sinônimo de folclore. Designando folclore como sendo: “Ciência das tradições e usos populares”; “Conjunto das tradições, lendas ou crenças populares de um país expressas em danças, provérbios, contos ou canções”. A palavra “folk-lore” foi apresentada pelo escritor inglês William John Thoms em 1846.

Segundo Guilherme Santos Neves (2008, p.116), diferentemente da chamada “cultura oficial” ou erudita, o folclore ou cultura popular é a manifestação de uma diversidade de saberes e formas que emanam do povo, do povo que não teve letramento escolar, pertencente à classe que ele chama de “arraia-miúda”.

O folclore existe no povo, em certas camadas do povo – tomado o vocábulo povo o mais proximamente ligado ao vulgus latino. O povo a que se refere a expressão folclore (folk – povo ou do povo – e lore – ciência, saber, sabedoria), não é a coletividade, a totalidade de um conglomerado social. É aquela camada do rés-do-chão, a classe mais humilde, a classe econômica, social e intelectualmente inferior da sociedade. É o povo-povo, como lhe chamou, certa feita, Almeida Garret (Neves, 2008, p.116).

A pesquisa justifica-se considerando a importância do conjunto da obra literária e ativismo à causa da cultura tradicional. Hermógenes participou das diversas manifestações populares organizadas por comunidades tradicionais (ainda quando criança acompanhava seu pai que



brincava como vaqueiro no grupo de reis de boi), atuando como pesquisador, folclorista e brincante junto a grupos de baile de congo do ticumbi, de jongo, do alardo, de congo, carnaval, etc.). Como escritor, bebeu em fontes clássicas da literatura nacional, tendo dedicação especial às obras do folclorista Luis da Câmara Cascudo, com quem estabeleceu relação de amizade.

Hermógenes colaborou com esses grupos descrevendo em seus registros detalhes de historicidade, simbolismo e representações; caracterizando as particularidades de cada um deles. Além disso, coletou inúmeros casos, lendas, costumes, brincadeiras infantis, superstições, folguedos, entre outras práticas tradicionais, compondo, com tais elementos, o conjunto de sua obra literária. - um acervo com registros de manifestações e práticas culturais que se configura como forma de patrimônio cultural imaterial.

O documento da Unesco “Textos Básicos da Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial” (2014), assim define patrimônio cultural imaterial:

[...] práticas, representações, expressões, conhecimentos e competências – bem como os instrumentos, objetos, artefatos e espaços culturais que lhes estão associados – que as comunidades, grupos e, eventualmente, indivíduos reconhecem como parte do seu patrimônio cultural. Este patrimônio cultural imaterial, transmitido de geração em geração, é constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função do meio em que vivem, da sua interação com a natureza e da sua história, e confere-lhes um sentido de identidade e de continuidade, promovendo, assim, o respeito pela diversidade cultural e a criatividade humana (2014, p.5).

A obra literária de Hermógenes é composta por 13 livros, dezenas de textos publicados em jornais como “A Gazeta” e “A Tribuna” e revistas como “Folclore” e “Você” todos editados em Vitória-ES entres os anos 1980 e 1990, além de um conjunto de cartas inéditas. Os livros e livretos do folclorista são os seguintes: “A Vila de Itaúnas” (1980), “O homem que pariu uma manga” (1980), “Série Folhetos da Memória Popular” (1980), “Viagem de Inspeção” (1981), “Seu Lúcio, o patriota e o país dos bichos” (1983), “Mensageiro dos Ventos” (1983), “Histórias de bichos contadas pelo povo” (1984), “Banda Musical Oliveira Filho” (1989), “Tradições Populares do Espírito Santo” (1991), “Curubitos” (1992), “Contos do pé do morro” (1993), “Carnaval Capixaba” (1996) e “Estorinhas Ecológicas” (1996).



Como as obras estão dispersas e correndo o risco de se perderem, a proposta é reunir esse acervo, fazer a sua releitura e destacar elementos das culturas tradicionais do norte capixaba nele contidos.

A preservação desses escritos de Hermógenes Lima Fonseca, em que estão registrados saberes e fazeres colhidos diretamente das narrativas da oralidade, no contato dele com as comunidades tradicionais, afrodescendentes, portadoras dessas culturas, significa, além de uma homenagem ao autor, respeito a essas comunidades tradicionais que mantêm há gerações suas práticas culturais como forma de resistência e manutenção de identidade e transmissão de conhecimentos.

O curso “Artes e ofícios dos Saberes Tradicionais: Políticas da terra – UFMG”, (2018), disciplina essa que visa a “promover um diálogo, uma troca de conhecimentos” entre mestres portadores de saberes tradicionais e a academia (um projeto que abrange várias universidades, criado e coordenado pelo professor da Universidade de Brasília José Jorge de Carvalho), resume em seu enunciado a trajetória de opressão sofrida por esses povos e suas estratégias de resistência:

Submetidos a processos históricos de expropriação, etnocídio e genocídio, os povos indígenas e comunidades afrodescendentes (quilombolas e dos terreiros de axé) são justamente aqueles que de modo mais contundente têm respondido aos impasses políticos em escala local e global. Em amplas mobilizações, seja pela retomada e demarcação de suas terras, seja pela afirmação de seus direitos político-religiosos (crescentemente ameaçados pela conivência do Estado com o avanço do extrativismo, do agronegócio e dos discursos de intolerância), grupos indígenas e afrodescendentes valem-se dos saberes tradicionais para elaborar renovadas estratégias político-midiáticas; produzem práticas e discursos que apontam para alternativas de vida comum baseadas, não na mercadoria ou na propriedade, mas na aliança com outros povos, com a floresta, seus animais e espíritos (2018).

Destaca-se ainda que as comunidades tradicionais elencadas na obra de Hermógenes, em sua maioria, são oriundas de quilombos das regiões de Conceição da Barra e São Mateus, no norte do Espírito Santo, também conhecidas como território do Sapê do Norte. Comunidades essas representadas em seus respectivos grupos de cultura, que mantêm suas tradições como resistência a múltiplas formas de pressão ao longo da história. A princípio, na condição de escravizadas; depois como aquilombadas, enfrentando seus “donos” ou



escapando das Companhias de Guerrilha para combater as ações quilombolas organizadas em meio às matas (SCHIFFLER, 2018); sofrendo a perseguição do bispo Neri que considerava a religião dos negros como uma “perigosa amálgama que só serve para ofender a Deus e perverter as almas” (NERI, 1963) / SILVA, 2012, p.45); como retirantes de uma vila que sofreu com um fenômeno ecológico, sendo soterrada pelas dunas (FONSECA, 1980). E, na história mais recente, resistindo à pressão do poder econômico com a implantação de um grande projeto industrial a partir de 1972 (Aracruz Florestal / Aracruz Celulose, Fibria e atual Suzano Celulose) que ocupou e desfigurou parte expressiva dos seus territórios. Esta empresa, atualmente, é dona de uma área total de 1,2 milhões de hectares de terra, mantendo florestas de eucaliptos no Espírito Santo, Minas Gerais, Bahia e outros estados.

As comunidades tradicionais também foram impactadas pela instalação de usinas sucroalcooleiras, sofrendo ainda discriminações e ameaças da parte de fazendeiros, ou ruralistas, em questões relativas à resistência e luta quilombola pela busca de direitos de identidade étnica e ao território. A respeito dessas práticas de resistência, diz Silva (2012):

[...] identifiquei os esforços da autodeterminação dos quilombolas como uma das formas de ruptura das representações sociais negativas que os desqualificam como aqueles não possuidores dos meios de produção – sejam eles materiais e simbólicos - e, portanto, incapazes de autorepresentarem-se como sujeitos completos no plano político, econômico e social. Em contrapartida, *Do fundo daqui* existem práticas cotidianas de resistência dos agentes porta-vozes, feitas para desautorizar e competir com forças abstratas de legibilidade voltadas para colonizar suas formas de autoapresentação (SILVA, 2012, p.342).

As manifestações culturais de devoção e denúncias de injustiças estão presentes nas embaixadas dos bailes de congo de São Benedito (Ticumbi), no alardo, no jongo e no reis de boi “É possível fazer-se um retrospecto de acontecimentos nacionais e mesmo mundiais, como a invasão da Aracruz Florestal” (Fonseca/Medeiros, 1991). É na manutenção dos costumes e crenças, nas estórias e de um conjunto de saberes que passam de pai para filhos que celebram suas ancestralidades, representam formas de organização, de união e resistência das comunidades tradicionais.

O contato com os portugueses em 1491 propiciou, durante os séculos XVI a XIX, uma das maiores barbáries protagonizadas pela humanidade,



com a mercantilização de seres humanos em troca de acumulação de capital. A diáspora Atlântica, no entanto, não apagou a sabedoria e a força de grupos étnicos como os kikongu, os kimbundu, os lundatchokwe, os ovimbundu, os oshindonga, dentre outros pertencentes aos povos Bantus. A escravidão sangrou na África. Contudo, em seus filhos, dispersos em território estrangeiro, as matrizes culturais africanas seguem pulsando e resistindo às marcas desse violento passado (SCHIFFLER, 2018).

As comunidades tradicionais de Conceição da Barra e São Mateus, a exemplo das comunidades quilombolas já foram objetos de estudos acadêmicos, como teses de doutorado em Antropologia do professor Sandro José da Silva e da professora Simone Batista Ferreira, aqui referenciados e que ajudam a entender a complexidade que envolve essas comunidades tradicionais:

No plano local da minha pesquisa no Sapê do Norte pude contar com os trabalhos anteriores de Ferreira (2002 e 2009) que enfocaram o cotidiano e as demandas dos quilombolas em relação à terra. A autora inseriu-se na região a partir de redes ambientalistas que passaram a questionar na década de 1990 as monoculturas e tomou como base a denúncia da degradação do meio ambiente e da reprodução da vida camponesa. As duas monografias enfocam os conflitos do ponto de vista de um agente coletivo, o campesinato negro, no contexto da transição para a escassez de recursos naturais. Analisa a autora que “neste modo de vida, a comunidade mantém relações muito estreitas e diretas com o meio físico e um saber construído e cristalizado através destas relações”. Tais relações transbordavam para a organização social permeada de “solidariedade como princípio organizativo” na qual a remuneração era a reciprocidade. “Na constituição da vida da comunidade tradicional, a floresta e o mar eram os territórios de uso comum que supriam seu alimento, abrigo e medicamento” (Ferreira, S/D). Os quilombolas estariam, em face das transformações decorrentes das monoculturas, a meio caminho entre o passado da fartura e o presente da escassez. (SILVA, 2012).

Localizar o conjunto da obra de Hermógenes que trata da cultura tradicional desses povos, identificar onde cada volume de seus livros e demais textos se encontram para ser acessados e proceder à releitura destacando os elementos característicos dessas culturas tradicionais significam uma contribuição à preservação dessas mesmas culturas e também à história do patrimônio cultural do Espírito Santo.

Além disso, a iniciativa do estudo encontra sustentação na Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional (LDB), com amparo nas Leis 10.639/2003 e 11.645/2008, que



estabelece o compromisso com o respeito e difusão da cultura dos povos africanos, afro-brasileiros e indígenas, instituindo o ensino da história e cultura desses povos em todas as escolas do ensino fundamental até o ensino médio.

ELEMENTOS DAS CULTURAS TRADICIONAIS

Hermógenes Fonseca se importou com as comunidades tradicionais que ele, chamava de “meu povinho miúdo”, cujas tradições estão contadas e caracterizadas na obra deste autor, a exemplo do que escreveu na crônica intitulada “Chico D’Anta, o violeiro escravo de São Benedito”, publicada originalmente na revista Folclore, edição de dezembro de 1980. Um trecho da crônica, embora longo para este espaço, segue transcrito com a justificativa de que exemplifica, pela riqueza de detalhes, o que se pretende abstrair de elementos das culturas tradicionais presentes na obra do autor, que, inclusive, tem o cuidado de preservar aspectos originais dos relatos, a exemplo de corruptelas da língua. Explica-se ainda, que ao final do texto, Hermógenes denuncia com sutileza a questão vital para essas comunidades tradicionais, a perda de territórios sofrida com o avanço das florestas de eucaliptos sobre os seus territórios, obrigando os deslocamentos e dispersões de inúmeras famílias.

“Chico D’Anta, o violeiro escravo de São Benedito” “ - A bença, seu Chico./- Deus te abençoe, patrãozinho./- Seu Chico, como está?/ - Como Deus é servido, e Biniditotombém. 74 ou 76 anos, que o preto não teve registro. Foi arranjado um para os documentos, no fim da vida, quando exigiram, que nunca antes ele precisou. Chico morador do Morro da Anta. Acabou só Chico D’Anta. Chico era negro de sangue na guelra, gostava de batuque e de mulheres, mas gostava também de trabalhar, aqui e Eli enfrentando o eito. Chico escolheu um pedaço de terra e botou roça de mandioca, fez pasto e criou gado. Era tudo mata virgem. Chico caborocou, fez derrubada para plantar e um dia espetou um estrepe no pé que quase varou de um lado a outro. Criou postema e arruinou. Não havia emplastro que desse jeito de sarar. Aí Chico D’Anta fez promessa para o glorioso São Benedito. Se ele sarasse tocaria sua viola por toda a vida no Baile de Congo de São Benedito, até não poder mais e São Benedito o chamasse para tocar para ele.

A promessa foi cumprida. Para os ensaios, mesmo distantes, lá ia ele com a viola no saco e ponteava a noite toda com o cigarro no queixo, largando cinza na roupa e na viola. Foi assim mais de cinquenta anos. [...] Parece que estou vendo a cena. Chico D’Anta batendo na porta do céu e São Pedro veio atender: - Quem é você, meu filho, o que deseja? / - Sou Chico D’Anta, de Conceição da Barra. Quero falar com São Binidito. Sou o violeiro e escravo dele./ São Benedito veio depressa. / - Chico! / - A bença, meu glorioso São Binidito./ - Deus te abençoe, Chico. Trouxeste



a viola?/ - Num pudiadeixá. Foi Dr. Guilherme que me deu, faz muito tempo. / - Como está a turma lá da terra?/ - Ah, meu São Binidito! A coisa num ta boa não. Acabaram com as terra da gente, plantarumacalipe e acabou cum tudo. Uns forumsimbora, outros vive na cidade cumendo “mivale” cum um punhado de farinha, apanhando esses peixinho na Friesp e na Barrapesca, que de pindaíba com minhoca demora munto. A minha preta ficou lá. Num sei o que será dela. Julinho, Couxi, Binoti e os outro tão bom. Cadê o pessoár que veio primêro: Olaro, Teorfo e mais os antigo? Se tão aqui cum voscimicê, chama eles que a gente faz uma samba agorinha mesmo [...] (FREITAS/GURGEL, 2013).

Na biografia “Hermógenes Lima Fonseca” (2013), registram-se vários fragmentos de sua obra, a exemplo deste trecho, do artigo “Ticumbi e Cucumbis”, de sua autoria, publicado na Revista Folclore em 17 de agosto de 1979 em que Hermógenes faz esse interessante comentário que remete à reflexão sobre o que distingue cultura tradicional e cultura de massa.

“O Ticumbi apresentou-se em São Paulo, em Brasília e no Congresso Internacional da Asta, no Rio de Janeiro, e tanto interesse despertou ao ponto de um americano aparecer lá no Povoado de Santana e de indagação e em indagação, levaram-no para falar comigo e me perguntou: ‘ – *Can I seethetaicumbitoday?*’ No, Darling, respondi. É diferente das Mulatas Sargenteli, que tem todo dia. Aqui, velho, só de ano em ano” (FREITAS/GURGEL, 2013).

HERMÓGENES: UM ‘MISSIONÁRIO’ DA CULTURA POPULAR

Hermógenes Lima Fonseca assumiu como “missão”, a coleta e registro das diversas manifestações das comunidades tradicionais, notadamente de territórios quilombolas de Conceição da Barra e São Mateus, integrando a rede folclorística chamada Movimento Folclórico Nacional, da Comissão Nacional de Folclore (CNFL), criada em 1947 e objetivava o resgate da cultura nacional para a definição de uma identidade brasileira.

O caráter “missionário” está descrito por Luiz Rodolfo Vilhena (1994) em seu livro ‘Projeto e Missão: O Movimento Folclórico Brasileiro 1947-1964’ em que o autor focaliza a trajetória de estudos de folclore realizados no Brasil neste período, considerado por ele como de “grande mobilização social e cultural”.

Segundo Vilhena, a instituição “para-estatal” Comissão Nacional de Folclore foi o núcleo de toda essa mobilização, articulando e estruturando uma grande “rede de relações” com



folcloristas regionais, organizados em subcomissões estaduais, e determinados em torno do “projeto” e da “missão” do folclore brasileiro. Entre essas comissões, a Espírito-Santense foi uma das mais ativas, participando inclusive com a oferta de vários documentos para a pesquisa do autor. Cabe destacar ainda que três cartas de Hermógenes Lima Fonseca são citadas no livro de Vilhena.

“Hermógenes Fonseca foi a um tempo homem folk e folclorista, caso raro e notável” (PACHECO), no que o escritor Luiz Guilherme Santos Neves concorda:

Para mim, o Hermógenes era o exemplo do ‘Homem Folk’, do homem folclórico, porque era não só um estudioso do folclore, mas também um brincante oriundo de uma região folclórica, com fortes características culturais folclóricas, como é o norte do estado. Além disso, ele sempre manifestou, sempre preservou, e que ele transmitia no dia-a-dia. Fazia isso onde estivesse, sem vergonha, enfrentando situações, enfrentando os auditórios mais seletos e acadêmicos e se apresentando como Homem Folk, com seus ditos, com sua palavra popular, e, sobretudo, com o seu depoimento, com as suas autênticas convicções de folclorista. Ele era um folclorista autêntico, que também concorreu para estudar essa mesma autenticidade do folclore. Eu acho que esse é o grande mérito de Hermógenes Lima Fonseca (FREITAS/GURGEL, 2013, p.89).

CONCLUSÃO

A pesquisa encontra-se em fase inicial. Ao concluí-la, espera-se poder, assim como já o fizemos em um primeiro momento, registrando a primeira biografia de Hermógenes Lima Fonseca, dar mais uma contribuição para manter viva a obra deste personagem. Além disso, poder colaborar para que seu legado, na forma do que registrou da arte popular capixaba e, em especial, das culturas da comunidade tradicional de Conceição da Barra e São Mateus, no norte do Espírito Santo, não se disperse ainda mais, seja localizado, identificado onde se encontra se conheçam as abordagens das culturas tradicionais, enfim, espera-se que o conjunto de sua obra literária se torne acessível ao público.

Referências

BURKE, Peter. **Cultura popular na idade moderna**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

FERREIRA, S. Territórios Negros do Sapê do Norte. 2006. Campesinidade e território quilombola no norte do Espírito Santo. Geografia. 2009. **“Donos do lugar”**: a territorialidade quilombola do Sapê



do Norte – ES. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal Fluminense, como requisito para obtenção do grau de Doutora em Geografia. S/D.

FONSECA, Hermógenes Lima e MEDEIROS, Rogério. **Tradições Populares no Espírito Santo**. Vitória: Departamento Estadual de Cultura, 1991.

FREITAS, Bartolomeu Boeno de/ GURGEL, Antônio de Pádua (Coordenador): **Hermógenes Lima Fonseca** (Coleção Grandes Nomes do Espírito Santo), Vitória, 2014.

NEVES, Luiz Guilherme Santos. **Breviário do folclore capixaba**. Vitória: Cultural & Edições Tertúlia, 2011. (Coleção Memória Capixaba nº 2).

NERI, Dom João Batista Correia. 1963. **A Cabula**. Cadernos de Etnografia e Folclore 3, Comissão Espírito-santense de Folclore, Vitória.

PACHECO, Renato. Entrevista concedida a Guilherme Ramalho Manhães e Adriana Bravin. **Curubitos**. CESF. Vitória, Ano I, nº 0, maio, 1998

SCHIFFLER, Michele Freire. **Cultura popular quilombola: o Baile de Congo de São Benedito de Conceição da Barra**. Michele Freire Schiffler, Jonas dos Santos Balbino, Aline Meireles do Nascimento – São Carlos: Ri/Ma Editora, 2018.

SILVA, Sandro José da. **Do fundo daqui: luta política e identidade quilombola no Espírito Santo** / Sandro José da Silva. – 2012. 342 f. Orientador: Jair de Souza Ramos. Tese (Doutorado) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de Antropologia, 2012.

UNESCO. **Textos básicos da Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial de 2003**, Ed. 2014, p.5 – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura - UNESCO. <https://ich.unesco.org/doc/src/2003_Convention-Basic_texts_version_2012-PT.pdf> Acesso em 2/7/2019.

UFMG. **Artes e ofícios dos Saberes Tradicionais: Políticas da Terra**. Ementa – Saberes Tradicionais UFMG, 2018/2. <<http://www.saberestradicionalis.org/encontros/2018-2/artes-e-oficios-dos-saberes-tradicionalis-politicas-da-terra/>> Acesso em 2/7/2019.

VILHENA, Luiz Rodolfo. 1997. **Projeto e missão: o movimento folclórico brasileiro 1947-1964**. Rio de Janeiro: Funarte-FGV.